

# I COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: SOCIEDADE, NATUREZA E CULTURA

## **Levando o humor a sério: a charge como modalidade de leitura do cotidiano regional**

MARIA LINDACI GOMES DE SOUZA\*

*“Não é necessário, por evidente, encarecer a importância da caricatura, como divulgadora dos acontecimentos contemporâneos, a tal ponto que a própria História, tantas vezes se verá forçada a recorrer a expressão do grotesco intencional dum charge ao passado, para exata compreensão dos homens e das coisas do seu tempo”*

*Herman Lima*

### INTRODUÇÃO

Por diversas épocas, a arte de satirizar esteve presente, quer seja através do reforço, no espírito cômico ou no uso metafórico da máscara, tornando-se um instrumento poderoso nas mãos de quem pretendia usa-la como elemento disciplinador, dos costumes sociais vigentes.

Como arte, leitura, texto jornalístico, as charges não so tornam-se um campo de estudo da literatura, mas principalmente da história. Caberia ao historiador da educação se posicionar como leitor de imagens, para fazer a correspondência entre valores culturais e subjetividades representadas nos desenhos humorísticos.

Nosso interesse em estudar as charges surgiu por um fato que nos chamou a atenção, no cotidiano da sala de aula. A constatação da baixa utilização de novas linguagens nas práticas pedagógicas. A escola parece ainda não ter dado a devida importância às linguagens presentes no cotidiano social.

Vivemos cercados por uma cultura visual, que representa claramente uma outra forma de linguagem do cotidiano, são outdoors, cartazes, quadrinhos, caricaturas e charges, imagens que se configuram como textos.

---

\* Professora da Universidade Estadual da Paraíba, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A história tem anexados novos objetos até então fora do seu domínio; as histórias do cotidiano; das práticas culturais; das formas de ler; dos registros de imagens. Mudanças que ditam novos parâmetros, que se irrompe ao nível não só político, mas também social e cultural.

Justificamos o uso das charges por que permite ser trabalhada como fonte para a história política e social pela sua propriedade de caracterizar, sublinhar aspectos, acentuar características, exagerar traços marcantes, enfim simbolizar aspectos não retratados em outras representações (LIMA, 1963: p. 16).

É importante ressaltar que apesar de sua aparente insignificância “enquanto objeto cultural, a charge nos apresenta o real e o ficcional como dois momentos imbricados num só: o aspecto real objetivado e materializado pela representação iconográfica e o ficcional através da subjetividade crítica e satírica do chargista. Existe a possibilidade de traduzir nos seus traços o movimento dialético que permeia o cotidiano, usando graça, espontaneidade e originalidade.

Como expressão das práticas culturais, caracterizada pela leitura não-verbal e portadora de mensagens, as charges fornecem respostas multifacetadas, orientadas pela subjetividade de quem a questiona: o historiador enquanto leitor dirige um olhar que difere do humorista e do desenhista. O humorista indaga buscando apenas na aparência o sentido cômico e risível, o desenhista lança o olhar ao aspecto estético, forma, linha e espaço, enquanto o historiador, é aquele que consegue fazer a síntese entre o humorista e o desenhista, transcendendo-os.

O estudo foi desenvolvido não só a partir dos elementos construtivos da charge como cômico, a ironia, a sátira, articulando o social o econômico e o político aliado ao pedagógico.

Nosso trabalho de seleção e análise das charges corresponde “a década de 90, especificamente os anos de 1997 a 1999, período que se caracteriza por uma certa estabilidade econômica, política e social, demarcada por influência neoliberal que restringe os direitos sociais.

Para a análise das formas de leitura, como a não-verbal, buscamos subsídio teórico em Roger Chartier; quando trata da história das práticas culturais, especificamente a história das maneiras de ler ou modalidades de leitura, considerando-a como uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos. Do mesmo autor, também usamos a categoria da “apropriação” para análise da interpretação. Neste sentido, a usamos para identificar as formas de apropriação do texto registrado iconograficamente e apropriado pelo leitor ao operar uma leitura do não-verbal nas caricaturas que compõem as charges.

Trabalhamos também com o conceito de representação de Roger Chartier (1990: p.26), na qual as representações se modulam a partir das estratégias que se determinam pelo modo como um texto ou uma imagem é apropriada.

A escolha do cartunista Fred Ozanam deve-se ao fato de que, de traço em traço acompanha e registra fragmentos da história dos que são desassistidos socialmente. Esse artista tem dado uma expressiva contribuição “a história registrando humoristicamente a miséria e o sofrimento do “homem ordinário” brasileiro. Suas charges falam das dificuldades do dia a dia, principalmente as de ordem econômica e política, na qual se configuram por uma forte dosagem de ironia e sátira.

## O OLHAR DO LEITOR-PESQUISADOR PARA O ASPECTO INTERDISCIPLINAR DA CHARGE.

O século xx se apresenta como o lócus onde o trabalho interdisciplinar se constitui imposição do momento, tanto no que se refere à pesquisa, quanto ao fazer pedagógico. Acreditamos que a interdisciplinaridade, hoje, é uma exigência histórica, dadas as novas condições materiais de existência, da mesma forma que no passado o foi a demarcação do saber em disciplinas isoladas. Hoje mais do nunca, diante da rapidez das mudanças de cunho social e científico, urge desencadear uma postura mais aberta e dinâmica onde o diálogo seja condição para o entendimento social e cultural.

A importância desse diálogo é condição para que, a interdisciplinaridade se instaure, pois que a interdisciplinaridade não se ensina, nem se aprende simplesmente, vive-se e exerce-se e por isto exige uma nova pedagogia: a da comunicação (FAZENDA, 1994: p. 8).

Assim, a perspectiva da interdisciplinaridade da pesquisa, enquanto abordagem pedagógica, surge como necessidade de romper e negar a visão fragmentada da história.

No âmbito pedagógico da pesquisa, se impõe a necessidade de superar a educação tradicional na qual reina a fragmentação, configurada na linearidade os conhecimentos nas áreas específicas. Para tanto, se exige das áreas de conhecimento, um recriar permanente no percurso de todo processo de conhecimento.

Buscamos a abordagem interdisciplinar, tomando a charge enquanto objeto de conhecimento histórico e de pesquisa. Transitaremos na filosofia, através da estética, na literatura que delega a contribuição do cômico, através do riso e do grotesco. A estética no sentido dominante do pensamento moderno, fazemos uso da versatilidade do seu conceito

como categoria frouxa e ampla como destaca Eagleton (1999: p. 8), que permite um leque de questões: liberdade e legalidade, espontaneidade e necessidade, auto-determinação e autonomia, categorias inerentes à construção das charges, das quais destacamos a espontaneidade e a liberdade.

A espontaneidade é uma característica intrínseca à construção da charge, no que diz respeito ao uso do espaço, do traço, da composição, na relação entre particularidade e universalidade.

A liberdade enquanto elemento decisivo no ato da criação e poder decisório no uso de “táticas” para a representação de situações sociais.

As charges, que se propõem a uma crítica construtiva social, representadas por Fred Ozanam, enfatizam o lado irônico que objetiva o contraste social. A ironia é usada como “tática” para enganar através da consciência imediata, se apresentando de forma “inocente” embora, haja, por outro lado toda uma relação entre o que se apresenta e a própria realidade. Neste caso, a ironia aparece na relação de oposição entre a sabedoria e o aspecto tolo, pateta ou simplório. É usada pelo chargista como tática para desvelar e para jogar com o acontecimento a seu favor. A tática é o movimento dentro do campo de visão do inimigo como dizia Bullow, ela opera golpe por golpe, lance por lance, tirando proveito das ocasiões e dela dependendo, que segundo Certeau (1994: p. 47), *a tática tem que constantemente jogar com os acontecimentos para transformar em ocasiões.*

Com essa compreensão podemos afirmar que a chargista é um mestre nas táticas, pois não usa a crítica direta uma vez que o recurso da crítica social é efeito ou produto de outros elementos como, por exemplo, o aspecto cômico e irônico. O primeiro golpe é dado de forma pacífica através da comicidade, que preside o primeiro elo de uma cadeia de golpes até chegar à ironia que, só aparece num segundo momento, é o golpe final, concluindo-se com a sátira.

No trabalho de construção de charges, a ironia é o instrumento que estabelece toda a modalidade ao interagir com a forma e a proporção. É ela que dá identidade a cada novo traçado que se instaure o efeito da sedução. Assim, embora não se apresente da mesma forma todas as vezes em que se manifesta, a ironia é um elemento indispensável, *é o coringa no trabalho estético, a linha limite ou o ponto desconstrutivo, mas também o limiar entre o estético e o ético* (EAGLETON, 1999: p. 31).

A APROPIAÇÃO DO LEITOR-PESQUISADOR ÀS TEMÁTICAS SOCIAIS DO COTIDIANO NORDESTINO

Entre as práticas cotidianas, a leitura, segundo Michel de Certeau é o ponto de partida, ou o foco exacerbado da cultura contemporânea *da televisão ao jornal, à publicidade, são epifanias mercadológicas, que a nossa sociedade canceriza a vista, mede toda a realidade pela sua capacidade de mostrar e transformar as comunicações em viagens do olhar* (CERTEAU, 19994: p. 48).

Nestas viagens do olhar em que se trabalha o chargista, criando de forma astuciosa um texto que seduz e ironiza ao mesmo tempo, convidando o leitor a interagir com o contexto ali apresentado.

A possibilidade da charge se apresenta como texto, ocorre em virtude do aspecto dual no qual se manifesta. A linguagem pela qual é expressa possui duplo sentido, pois as informações que veicula, além de serem, apresentados de forma humorística, constituem síntese pela associação de uma ou mais idéias. Apelando, simultaneamente, para o racional e o emocional das pessoas, instrumentalizando-se com a comicidade.

Nas criações, um dos recursos comuns usados pelos caricaturistas é o efeito cômico. Habitualmente foi usado fazendo referência a alguém de projeção social. Quase sempre o exagero foi associado ao cômico para despertar não só o horror, mas também o riso.

Neste caso, o riso torna-se o recurso de linguagem para demonstrar uma transgressão social: *uma transgressão socialmente consentida, ao risível seria preservado o direito de transgredir a ordem social e cultural* (Alberti, 1999: p. 30). Estudiosos do riso, o situam entre as manifestações de libertação da ordem estabelecida – rimos todos juntos da norma. Observando a recorrência do caráter transgressor do riso, constatamos que trata-se, na maioria dos casos de uma transgressão social.

No caso das charges explora-se o riso, enquanto elemento inibidor, assumindo sua função social de fiscalizador e elemento de censura. O riso que surge da deformação, do exagero, dos traços característicos de uma personalidade ou da representação de uma determinada cultura. Sem dúvida, esta é uma tendência de todas as caricaturas, pois retratam com feições exageradas a personalidade, o caráter. Ocorre que a harmonia natural da aparência ao ser destruída de forma constituinte, torna-se um meio para chamar aos desvios, transcendendo o imitado através do cômico. Segundo KRIS (1968: p. 173), *a imitação e a deformação do cômico na caricatura representam uma ameaça e ofensa ao amor próprio*.

O cômico é usado pelo chargista como função corretiva, que reclama do homem uma atuação, tanto maior quanto mais obstinado for o seu desvio de padrões.

Nas caricaturas, assim como nas charges, o sentido cômico é usado com o recurso para provocar uma determinada reação no público-leitor. Neste sentido o percebemos enquanto

estratégia de ação e inserido neste contexto, torna-se demolidor das imposturas de forma a ludibriar o leitor.

Identificamos a sátira como um dos componentes fortes da charge e o que mais se adéqua ao exercício da crítica social. O chargista usa a sátira, como tática de denúncia se apresenta como crítica da sociedade, quando através do humor aponta o risível, o grotesco das atitudes e das situações humanas.

No exercício satírico, outro elemento identificado como elemento estruturador e um dos pilares da sátira é a fantasia. O fantástico é o elemento modulador da sátira, é através do exagero, produz o cômico daí resulta o riso desestruturador.

## AS CHARGES COMO REPRESENTAÇÃO DO COTIDIANO DO “HOMEM ORDINÁRIO”.

Nesta parte do trabalho, nos detemos em algumas questões sociais presentes no cotidiano do “homem ordinário” como definiu Certeau, o anti-herói. É sobre esse homem comum, suas reivindicações, as contradições sociais do seu cotidiano, representados nos desenhos humorísticos. Esse é o herói do qual o chargista Fred Ozanam se faz porta-voz. Em suas charges são retratados os efeitos da exploração e do descaso social explicitado pelas práticas econômico-sociais e políticas dos poderes constituídos no Brasil em tempos de globalização. São esses alguns dos aspectos que servem de cenário para o chargista compor o quadro social das charges.

Todos esses aspectos são apropriados pelo chargista os entendendo não como atos isolados ou modos de fazer dos representantes do poder estatal, mas como um novo momento do capitalismo. Estamos atribuindo ao chargista essa função do intelectual que compreende os problemas sociais e que sente as “paixões elementares do povo”. O chargista, quando interpreta e representa o cotidiano dos “homens ordinários” em suas charges. Desta forma, fica evidente que o chargista busca fazer de seu trabalho um instrumento de denúncia popular. Prática que nasce de uma identificação do artista com os sentimentos populares. Portanto, elabora uma forma de conhecimento que se caracteriza pelo tratamento cômico, dado, via imaginação criativa e humor, a uma determinada realidade social.

Antes de passarmos às exemplificações, penso ser oportuno trazer à memória algumas características desse tipo de texto, que se apresenta como leitura que estabelece diálogo que remete a outros textos a outras leituras. Textos que são construídos a partir do processo de socialização e de um sistema de valores de cada um e do conhecimento da realidade social.

Também se caracterizam com textos burlescos, quando a produção cômica tem o intuito de fazer uma leitura crítica dos acontecimentos, sobretudo quando o cômico considerado negativamente, quando se faz rir à custa de algum ressentimento ou conflito social. Visualizado como o humor engajado, o humor mais ressentido que se manifesta sob forma de polêmicas pessoais.

Para ilustrar nossas análises, escolhemos 2 charges que representam a política neoliberal que caracterizada por uma realidade eminentemente globalizante, que se traduz em um Estado mínimo para o social, que se reflete numa postura política através da intensificação das desigualdades sociais.

A proposta do caricaturista seria chamar a atenção para a atuação do governo, através das sátiras com o objetivo de despertar o riso excludente.

### 1. Jornal *Correio da Paraíba*

João Pessoa, maio/1998



### Jornal *Correio da Paraíba*

João Pessoa, outubro/1997



Nesta primeira charge o cartunista nos chama a atenção, contextualizando a época do Plano Real e a atual crise econômica que tem início na década de 70.

As duas retratam de forma cômica, a situação sócio-econômica, gerenciada pelo FMI, sendo elucidativas para serem usadas na escola, nas aulas de História. Podem tornar-se um recurso didático para chamar a atenção ao conteúdo expresso de forma fantasiosa, levando o aluno a refletir não por meio da fala do professor, sou de sua fala, mas por meio da “fala” dos textos humorísticos, que tratam de forma cômica e risível.

A segunda também compõe um texto cômico no sentido em que desperta o riso cordial e solidário, identificando entre o que é objeto do riso ou da ironia.

Desta forma, o que suscita o riso nesta charge que ora analisamos é a analogia entre o que está sendo caricaturado e a própria realidade. Pois ao despertar o riso, a charge provoca

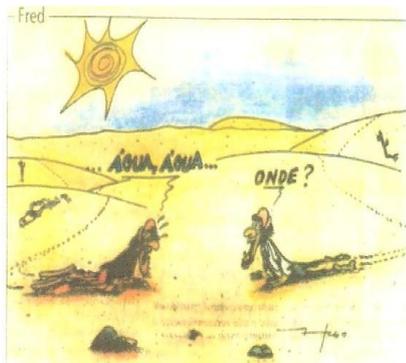
no leitor uma reação mais branda de simpatia ou mesmo de solidariedade, pois retrata através de traços, a sua realidade, criando a identidade entre o registro iconográfico e o público leitor. Neste caso torna-se uma produção datada, tematizando comportamentos e valores que fazem parte do nosso dia a dia. Este é o aspecto que a torna didática, e por si mesmo risível na medida em que desmascara e revela que o “homem ordinário” não deposita mais credibilidade.

Ao representar a desvalorização do nosso dinheiro, esta charge perde a característica da regionalidade e da temporalidade no que diz respeito a nossa moeda. Esta é um charge que não pode ser situada e nem datada porque representa um fato histórico que não diz respeito apenas ao final da década de 90.

Para a segunda exemplificação escolhemos duas charges que caracterizam a seca, retratam a falta do precioso líquido no Nordeste. Falar do nordeste é falar, sem dúvida, do problema da seca, e falar de seca é discorrer sobre sua história. São anos e anos que se revezam entre esperanças, resistências ou desespero do homem sertanejo.

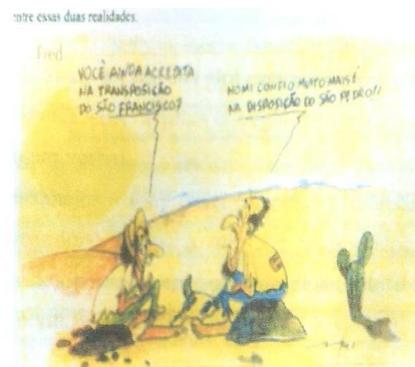
### 3. Jornal *Correio da Paraíba*

João Pessoa, dez/1998



### Jornal *Correio da Paraíba*

João Pessoa, maio/1998



Nesta terceira charge podemos afirmar que o aspecto cômico foi bem acentuado como também o exagero foram usados com a intenção, não só de despertar o riso apenas zombador do desenho humorístico, mas o riso caricaturesco, aquele que ri, *ri umas vezes para atenuar a dor*(LIMA, 1963: p. 26). Este é o riso fundante das sátiras políticas e sociais, que difere do riso despreocupado. É o riso engajado socialmente. A fala do sertanejo desperta esse riso; quando se grita “água, água”. O outro moribundo desperta surpreso e pergunta “onde...?”

sendo representativa da quase total falta d'água e do estado de calamidade. Região que por muitos era intitulada de “terra de sol” lançando um legado de confiança na sua gente e nas suas possibilidades, inclusive nas suas condições naturais, tantas vezes chamada de ingratas, a ponto de já se haver proposto o abandono desta zona até que se descubra meios de a dominar melhor.

Nessa composição, o produtor do texto recorre a caricatura dos personagens identificando-os por alguns atributos: o aspecto físico, barbicha, poucos dentes, roupas gastas pelo tempo, chapéu típico do homem do sertão nordestino, pés grandes, demonstrando pouco uso de sapatos. Desta forma, por meio da tipificação dos personagens, o autor abord não só as carências físicas e sociais da Região Nordeste mas também o aspecto político da questão presente no discurso, demonstrando a descrença do “homem ordinário” às ações do governo. Nessa composição iconográfica o chargista alia o real a fantasia para destacar questões da miséria reinante nas áreas rurais, frente a falta de decisão política dos governantes. Como recurso didático, possibilita fazer a analogia entre a área rural e a urbana, no que se refere aos personagens, bem como fazer aproximações mesmo que caricaturescas entre essas duas realidades.

Os dois personagens vestidos com roupas já desbotadas e rasgadas, a carcaça de uma cabeça de gado entre os dois personagens, o mandacaru, a extensa área, assim como o discurso do homem nordestino representado. Os detalhes da composição técnica usados foram: pouca cor, nenhuma vegetação, pedras, sol escaldante, aspectos típicos do sertanejo, exageros e a linguagem verbal.

Nesta charge percebemos nas falas dos sertanejos a total desconfiança em relação à soluções dos poderes públicos, o total abandono social e econômico a que são submetidos, intensificados pelas vestimentas e na aparência dos personagens, com ar de desolação, recorrente também na representação da região, materializada pela extensa área vazia, onde apenas um pé de mandacaru parece ser a única coisa viva.

O aspecto importante a ser destacado é a fala dos nordestinos. O que fica bem claro é a falta de escolaridade dos mesmos, como demonstra o registro lingüístico, porque não inviabiliza a consciência social em relação ao descaso do governo no que diz respeito a concretização da transposição do rio São Francisco. Na fala do segundo personagem se evidencia mais confiança no santo São Pedro, considerado segundo o ideário popular o santo das chuvas.

É interessante notar que, a grande maioria das charges que tratam de questões específicas de regiões secas, como é o caso do Nordeste, trazem como pano de fundo, ainda

antigos parâmetros científicos de análises que se sustentam em determinismos geográficos, com intuito de denegrir a condição social dos nordestinos.

Essa visão da região é acompanhada e construída por elites brasileiras, tendo como contraponto a situação política. Por outro lado é usado o nome de Deus, responsabilizando-o pela falta de chuvas, criando-se mitos que são apropriados pela população, justificando-se assim o atraso econômico da região. Esta imagem que as elites brasileiras construíram dos estados nordestinos, vai ser responsável pela forma preconceituosa e depreciativa com que olhamos para o homem nordestino, notadamente para os mais pobres.

Ainda hoje a população do sul e sudeste do Brasil, tem uma visão profundamente negativa, julgando serem os nordestinos um povo inferior, atrasado e preguiçoso. Como afirma Durval M. A. Albuquerque (2007: p. 89),

no Brasil, o preconceito por origem geográfica marca especialmente os nordestinos. Esse preconceito se expressa por exemplo, através dos estereótipos do “baiano” e do “paraíba”, denominações que são usadas genericamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente, para se referirem aos migrantes vindos da região nordeste.

Nas duas charges expostas anteriormente, nas falas dos personagens e nas representações físicas da região e do homem nordestino estão carregadas desse tipo de preconceito. Notadamente os cartunistas carregam nos traços, criando tipos com o potencial de caricaturas superior ao normal.

No caso destas charges que tratam de temáticas recorrentes a região nordeste como: seca, fome, e transumância, fica bem visível a partir das caricaturas o preconceito social, geográfico e de lugar. Nas leituras dos cronistas do traço, aparece nas charges uma caracterização destas temáticas, embasadas por um conceito apressado, sem qualquer esforço de entendimento do outro, ou seja, a questão da alteridade em relação ao homem nordestino, aparece alijada da realidade social.

Desta forma, quando os preconceitos de origem geográfica marcam alguém, pelo simples fato de pertencer a um território ou região, estes quase sempre representam desníveis econômicos e culturais ou disputas de poder. No caso destas charges representam disputas de poder e competições no campo das representações.

No entanto, segundo Albuquerque (2007) para que possamos compreender o porque das populações do nordeste se tornarem objeto destes preconceitos seriam necessários levar

em conta a história da construção da própria idéia de Nordeste e, em consequência, da idéia de ser nordestino. Segundo o autor da identidade regional do nordestino nem sempre existiu, como faz crer toda produção artística, literária e acadêmica. Como afirma Júnior (2007: p.90),

a designação nordeste para nomear uma região específica do país, tendo pretensamente uma história particular, uma cultura singular, só vai surgir muito recentemente, na década de 10 do século XX. Antes a divisão regional do Brasil se fazia apenas entre o Norte que abrangia todo o atual Nordeste e toda a atual Amazônia e o Sul que abarcava toda a parte do Brasil que ficava abaixo do estado da Bahia. Por isso, ainda hoje os nordestinos são comumente chamados de nortistas em São Paulo ou em outros Estados do Sul.

Desta maneira, o que caracteriza a produção do cartunista Fred Ozanam, é a preocupação com as questões sociais, bem como a política de exclusão social. Tais dados levam a compor através da imaginação criativa, um quadro de humilhação e de abandono a que é submetido “o homem ordinário” nordestino. Prática essa visualizada nas charges e nas palavras do cartunista ao afirmar que *extraiu da dor o humor*.

Portanto o chargista conseguiu captar o cenário desolador do sertão nordestino com seu traço e com a força expressiva do seu traço humorístico. Não faz do humor o puro entretenimento, com o intuito de clarear o texto, ele é instrumentalizado no sentido de que leva o leitor a transcender de uma contemplação às incongruências da vida.

Assim, quando o chargista representa no espaço formal da charge, a seca, a pobreza, as carências materiais, a insegurança da vida cotidiana, usando-as como referências desmistificadoras, está dando um cunho social e histórico as charges que produz, na medida em que faz uso dos recursos cômicos, fantasiosos e hiperbólicos para revelar seu caráter interativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos demonstrar que o desenho humorístico não serve apenas para despertar o riso bufão e brincalhão. O cartunista Fred Ozanam, objeto de nosso estudo, faz uma leitura cômica e irônica, da realidade nordestina, transmitindo sua dor através de efeitos cômicos.

São charges que fazem uso da ironia para reproduzir sátiras políticas e sociais. Nessa perspectiva Fred desconstrói essa imagem e assume uma postura política, visto que denuncia o descaso dos políticos nordestinos frente aos problemas pertinentes a região.

Quando indicamos o seu uso enquanto umas das modalidades de leitura da realidade, o fazemos porque a imagem permite que o aluno amplie a sua capacidade de desenvolver a imaginação criativa, enquanto ato de leitura de um texto visual, como também permite ao aluno fazer um panorama social, guiado pela percepção sensorial da fantasia, da sátira ou introduzindo no universo da razão e da análise.

A imagem é importante na comunicação pela simplicidade no ato da interpretação por ser atraente, envolvente, e fascinante diante dos olhos do aluno. Na charge o recurso da comicidade e das caricaturas, tornam-se estratégias que permitem visualizar problemas sociais com extremo realismo. Facilmente o aluno se apropria da mensagem quando na maioria das vezes, os textos são compostos por pouco verbetes, o exagero para chamar a atenção, a clareza das mensagens, a unidade de sentido, a sátira e a fantasia, elementos expressivos usados como componente básico deste tipo de leitura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **O Riso e o Risível: na sua história do pensamento.** Rio de Janeiro: Zahar. F. G. V. 1999.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: As fronteiras da discórdia.** São Paulo: Cortez, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François-Robert de La Fontaine.** São Paulo: Hicitec, 1987.
- BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre o significado do cômico.** Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- CERTEAU, Michel de. **A Inversão do Cotidiano: artes e fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** Tradução de Maria de Lourdes Menez; revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- EAGLETON, Terry. **A Ideologia Estética.** Tradução Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- FAZENDA, I. C. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papyrus, 1994.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História.** Lisboa: Presença, 1968.
- LEITE, Sylvia Helena Telaroli de Almeida. **Chapéus de Palha, Panamás, Plumas, Cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900-1920).** São Paulo: José Olympio, 1963.
- LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil.** 4. vol. São Paulo: José Olympio, 1963.